Diário • Ano 9 n.º 3191 140\$00 IVA incluído

Director José Manuel Fernandes
Directores-adjuntos Nuno Pacheco
e José Queirós

Rua Agostinho Neto, Lts. 6/7 — 1769-010 LISBOA Rua João de Barros, 265 — 4150-414 PORTO Público na Internet: http://www.publico.pt E-Mail: publico @ publico.pt

PUBLICO

edição LISBOA

Os combates regressaram ao Planalto Central

Começou a terceira guerra civil angolana

O Governo angolano reclamou a conquista do Bailundo e do Andulo, os dois quartéis-generais de Savimbi no Planalto Central. A UNITA desmente e fala da "surpresa dos generais de Luanda" perante a resistência do Galo Negro. Mas nenhum dos beligerantes esconde o facto essencial: "É o regresso à guerra." A terceira, com epicentro no Bié. As baixas ainda não têm número, mas já começaram.

écnica ainda mais eficiente revelada na "Science"

Dito vitelos clonados to Japão

estigadores japoneses conseguiram nar oito vitelos a partir das células uma vaca adulta, revela um artigo a blicar na edição da próxima sextara da revista "Science". Segundo os ores do trabalho científico, a técnica lizada nesta clonagem é uma das as eficientes formas de produzir anis geneticamente idênticos apresensas até ao momento.

eino Unido Luz verde ra a clonagem rapêutica

grupo de especialistas em bioética a em o Governo britânico pediu um par sobre a clonagem aconselhou onto Executivo de Tony Blair a autoria investigação desse tipo de técnicas fins terapêuticos, para tratar doencomo o cancro e Alzheimer. Quanto à tagem de seres humanos completos, o aité continua a recomendar a sua ihição. Mas a polémica estalou no no Unido, onde há quem fale em "calismo tecnológico".





Narcotráfico Detido chefe de clã galego procurado há seis anos

A detenção de um conhecido narcotraficante galego e de outros três indivíduos, num hotel em Cascais, todos implicados no sequestro, em Seixas (Caminha), de um jovem de Cambados (Galiza), é o resultado mais espectacular de uma operação concertada entre as autoridades espanholas e a Polícia Judiciária portuguesa.

Nobel Elite de Estocolmo rendida a Saramago

A elite de Estocolmo acotovelou-se ontem numa recepção em homenagem a Saramago promovida pelo ICEP. Os 600 ilustres de Estocolmo entraram por uma porta e desapareceram noutro mundo, com espelhos, palavras e imagens de assombrar. Foi uma rendição a Saramago, que, por sua vez, se rendeu, comovido. Da nossa enriada Alexandra Lucas Coelho, em Estocolmo páginas 22 e 23

NATO Futuro da Aliança discutido em Bruxelas

Madeleine Albright, a secretária de Estado americana — que escreve um texto nesta edição do PÚBLICO —, dominou a reunião que ontem teve lugar em Bruxelas com a sua "visão" do futuro da NATO. É que, a quatro meses da cimeira que comemora os seus 50 anos de vida, a Aliança tenta superar as divergências entre os dois lados do Atlântico quanto ao seu papel no século XXI. páginas 2 a 4

Clinton Defesa não convence Comité

página 10







No final do "evento cultural surpresa" organizado pelo ICEP, Ana Mafalda Castro sentou-se ao cravo e fechou com música de Scarlatti uma sessão memorável; de manhã, Saramago fora recebido

A elite de Estocolmo acotovelou-se numa recepção em homenagem a Saramago promovida pelo ICEP

Mick Jagger nunca será Nobel

Da nossa enviada Alexandra Lucas Coelho, em Estocolmo

Alice entrou num buraco e aterrou no país das maravilhas. Os 600 ilustres de Estocolmo entraram por uma porta e desapareceram noutro mundo. Com espelhos e palavras e imagens de assombrar. Foi uma rendição a Saramago que, por sua vez, se rendeu, comovido. Atordoada, a ministra sueca da Cultura disse: "É como se fosse o Mick Jagger!" Olhe que não, sra. ministra, olhe que não.

ra uma espécie de universo paralelo, com uma entrada quase secreta, mas fila para entrar, uma fila de cerca de 600 pessoas, "vips", a desfazerem-se dos visons e dos sobretudos de caxemira, antes de acederem ao salão do Grand Hotel de Estocolmo estritamente reservado à recepção em honra de José Saramago, organizada ao final da tarde de ontem pelo Instituto do Comércio Externo Português (ICEP).

Marita Ulvskog, ministra sueca da Cultura, está atordoada: "É como se fosse o Mick Jagger!", desabafa ao PÚBLI-CO, semi-atropelada pela multidão de ilustres que rodeiam Saramago e Pilar. O Nobel e a mulher estão a tentar ver, um a um, os 10 painéis gigantes (cinco metros e meio) que a arquitecta Luísa Pacheco Miranda desenhou para o imenso pé-direito deste salão, cinco de um lado, cinco do outro, a cada correspondendo uma imagem e um texto invertidos, a preto e branco, frente a um espelho onde, enfim, texto e imagem se revelam.

Num minuto de pausa, explicar-nos-á a autora desta ex-

posição singular (e fugaz, porque, em Estocolmo, durou apenas três horas, o tempo da recepção): "Toda a acção criativa de Saramago recria o real e transforma-o. O espelho traduz isso. E depois há a grande escala, que é a do sublime, das essências e não da aparência, duro e doce. É uma procura de elevação. Quis que as pessoas tivessem de olhar para cima porque se olha sempre para baixo."

E aí estão eles, todos a olhar para cima, Saramago e Pilar, e mais umas tantas centenas membros do Governo sueco, directores de museus, actores, escritores, académicos, editores, críticos, diplomatas — a elite de Estocolmo, mais a comitiva de portugueses - do ICEP, do Instituto Camões, da Embaixada, convidados pessoais de Saramago - acotevelados nesta espécie de mundo paralelo que é o salão com painéis imensos de lado e um cravo ao centro, para as sonatas que daqui a pouco serão tocadas.

Anda-se em espiral, neste pequeno mundo desviado da neve e da noite e de todo o resto do hotel como quem entrou num compartimento secreto, percorrem-se as paredes a toda a volta, termina-se ao centro, depois das etapas reflectidas no espelho (sintomas de Alice no País das Maravilhas?), e as etapas foram: Imaginação, História, Sagrado, Morte, Ver, Paisagem, Blimunda, Os Grandes Livros, Escrever e Não, dez portanto. Chegado à última, Saramago mira as palavras escolhidas ("Não quero esta glória. Mas eu quero esse poder. Então o Diabo disse, é preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue."), mira de cabeça erguida a imagem que, como a frase, é sua, e baixando então o olhar para quem o rodeia, conclui: "Esta, em particular, está muito bem.'

"Uma voz contra o silêncio"

Eis que a breve meditação já está a ser interrompida: põem à frente de Saramago um jovem artista sueco com dois metros de altura e cabelos negros espetados em forma de pequenas pirâmides. O laureado estende automaticamente a mão enquanto é informado, em francês, de que se

trata de um nome célebre. Como não sabem o que fazer às mãos, logo as separam, e como nem por isso se ficaram a conhecer, logo se afastam. O nome de Jonas Acakerlund, que se apresentou ao PÚBLICO como "designer" e produtor musical, não o reteve Saramago, mas também em verdade se diga que este sueco de madeixas caprichosas nunca leu um livro seu. As recepções são mesmo assim, estende-se a mão e segue-se em frente.

Está calor, está muita gente. Pilar anda de leque, como boa sevilhana, pela mão de José, quase sempre. E nisto algo começa a ribombar, é uma música, o sinal que o diaporama vem aí, o pico do acontecimento, do "evento cultural surpresa", tal como o ICEP o andou a anunciar. O Nobel sobe uns degraus, para ficar à altura do ecrá agora desvendado no salão, e é desse varandim que assiste (Pilar com a cabeça no seu ombro, mãos entrelaçadas os dois) a oito minutos de puro deslumbre.

"Úma Voz contra o Silêncio", fotografias de João Francisco Vilhena, selecção de textos de Francisco José Viegas, montagem de Joaquim Luís: a sagração de Saramago ao som de Philip Glass, Mozart e Carlo Gesualdo. A multidão não se mexe, interdita de súbito pelo que se passa no ecrã, pela fluidez de um homem levado por palavras, a preto e branco entre a terra e o céu, os muros e o horizonte, as casas e os livros. Umajanela abertanas nuvens, nessa janela Saramago agarrado ao chão, a toda a voltao eco da voz cheia de palavras. Quando as luzes se acendem, Pilar e José desenlaçam-se embaraçados e comovidos. "Assim, não vou aguentar", diz o Nobel, rouco, ao microfone da Antena 1.

rouco, ao microfone da Antena I. Só falta agora Ana Mafalda Castro sentar-se ao cravo, ao centro, e tocar então duas Sonatas em Fá Menor, a primeira de Carlos Seixas, a segunda do seu mestre, Domenico Scarlatti. Depois da música, o Nobel desaparece a caminho do sétimo andar, onde fica o seu quarto, e os ilustres espectadores passam a acotovelar-se na sala onde o jantar está servido. Mick Jaggerte ria cantado mas, eruditas ou populares, certo é que Alfred Nobel nunca se lembrou de premiar cantigas.

ecos de Estocolmo

Com a ministra

LOURA NÓRDICA, impecável num saia-e-casaco preto, Marita Ulvskog, 47 anos, ex-jornalista, social-democrata e, desde 1996, ministra sueca da Cultura, recebeu ontem José Saramago e Pilar del Rio com frutas tropicais e champanhe. Antes do brinde, o trio posou para a câmara da Lusa. Ora, no momento da foto, quis Pilar del Rio deixar o Nobel e a ministra a sós. Mas Saramago, no segundo imediato, agarrou-lhe na mão e puxou-a: Senão saio eu e ficam as duas jornalistas..." Mas quando o champanhe foi servido, houve apenas um brinde, aquele que o protocolo aconselhava, o do laureado com a governante. Depois, os três tentaram falar. Experimentaram francês, espanhol. Não funcionou. Só com tradutora. Que, obviamente, se manteve a resguardo do champanhe.

"Memorial..." por 500\$00

ANTES de Saramago chegar ao encontro com a ministra da Cultura, Marita Ulvskog anunciou aos jornalistas portugueses que "Memorial do Convento" foi uma das obras apoiadas pelo seu gabinete, no âmbito de um programa de subsídios a edições muito baratas. O Ministério atribui anualmente oito milhões de coroas (cerca de 170 mil contos) à editora "Um livro para todos", que há mais de 20 anos publica romances e poesia com preço de capa à roda de 500 escudos, sendo que o custo normal de um livro na Suécia é, pelo menos, dez vezes mais alto. Berit Skgsberg, directora desta editora, explicou ao PÚBLICO que decidiu editar "Memorial do Convento" em 1991, portanto muito antes do Nobel, por ter ficado "encantada" quando leu a tradução sueca. Comprou os direitos ao editor sueco, colocou a obra na lista de pedidos de subsídio e imprimiu 25 mil exemplares, entretanto completamente esgotados. "Se eu quiser agora fazer uma reedição, os direitos seriam incomportáveis, devido ao Nobel", referiu. O sucesso desta editora (que publica 40 livros novos por ano) deve-se, além do preço, a uma campanha de promoção em fábricas e escolas.

Admiradores suecos 1

GITTAN JONSSON foi uma das espectadoras da sessão de leitura de ontem (ver texto "Na sua terra comem-se muitos saramagos?"). O que fez esta pintora sueca estar ali, logo pela manhã, a ouvir e observar um escritor de que nunca leu um único livro? "Ouvi na rádio. Pinto enquanto ouço rádio e, num programa cultural, eles têm feito leituras

de textos do vosso escritor. O que senti foi que a linguagem era tão cheia de retratos e de cores que precisava de o ouvir pessoalmente." Já o PÚBLICO se afastava quando o acompanhante da pintora lança, subitamente: "E parabéns ao Manoel de Oliveira, que faz anos esta semana!" É produtor de cinema, este tão informado cidadão de Estocolmo, de seu nome Freddy Olsson.

Admiradores suecos 2

PER-OLOF SWARTZ, médico reformado, andaa observar as montras da exposição na Kulturhuset: "Li Lobo Antunes e Eça de Queiroz (diz Queiruch) e depois descobri o 'Memorial do Convento'. E uma espécie de realismo mágico. Custa algum tempo a entrar na linguagem, mas quando se entra, flutua..." • A.L.C.



pela ministra da Cultura

carta de Estocolmo

Pilar del Rio*

Palavras que são nossas

ESCREVO ESTA čarta, que hoje será mais um telegrama, sabendo que não poderei expressar a emoção que acabámos de viver. Subitamente, o peso da literatura, a grandeza ea beleza das palavras manistaram-se-nos num salão do tel que acolhe os Prémio Nobel em Estocolmo. Iamos ortugueses e suecos, íamos os e tores visitar uma exposição, m uma ideia muito clara do que nos esperava e de repente deparámos com frases como estas: "O que mais há no mundo é paisagem", ou "além da onversa das mulheres, são os sonhos que seguram o mundo nasua órbita". Fomos escutar estas palavras, ouvimo-las no português em que estão escrias e soubemos que não estanos errados quando amamos ertos livros, quando respeita-

nos os seus criadores. Acabámos de ouvir palaras bonitas, vimos imagens, uvimos a música que as enolvia, isto é Estocolmo, hoje o ladá para pensar que o munbestá bem feito. Sabemos que tảo é assim, mas dêem-me linca para sonhar, só peço mas horas enquanto conti-Muaa ressoar no Grand Hotel a música de Seixas e de Scarlatti, nquanto as fotografias de oao Francisco Vilhena contimam a difundir as suas somras, enquanto as palavras de aramago nos acompanham, omo se tivessem saído de nós esmos porque são nossas.

* jornalista, mulher de José Saramago, escreve diariamente esta crónica para o PÚBLICO

Na sua terra comem-se muitos saramagos?

ONDE É que em Portugal, às 9h30 de uma manhã de Inverno, centenas de pessoas esgotariam todos os lugares disponíveis de um café panorâmico para ouvir, atentamente, a leitura de excertos de um romance estrangeiro, fazer perguntas curiosas ao autor, ali presente, e rirem com ele? É certo que, neste caso, o autor era o Prémio Nobel da Literatura 1998, mas mesmo assim o que aconteceu ontem no café Panorama, no último andar da Kulturhuset (Casa da Cultura) de Estocolmo, seria dificil de repetir em Portugal, a uma hora tão matutina, pelo menos.

Quando José Saramago chegou, um pouco atrasado, já as mesas estavam cheias de gente. Cheirava a café e a pão fresco, havia velas acesas, as edições suecas de "Ensaio sobre a Cegueira" ou "Memorial do Convento" iam sendo folheadas enquanto o romancista tomava o seu lugar num pequeno estrado, acompanhado por uma tradutora e por uma ac-

triz. A sessão começa: Saramago lê fragmentos de "Memorial do Convento", a actriz interpreta-os em sueco, a assistência, de chávena na mão ou livro aberto sobre a mesa, segue Baltasar, Blimunda e Bartolomeu.

Depois, o autor tenta explicar porque escreveu o que está escrito. Assim admite ser a sua uma "linguagem barroca" e que o "modo como se diz é talvez tão importante como aquilo que é dito, ficando oculto aquele que faz sobre aquilo que é feito". Quando a tradutora se desenvencilha de passar estes mistérios para sueco, a assistência bate palmas.

Deriva a conversa para o mundo e



Com o embaixador Paulo Castilho (à direita na foto)

para o rumo dos países e dos lugares nesse mundo ("não sei se a Suécia sabe para onde vai...", diz Saramago), para a vontade dos homens e das mulheres ("talvez devam ser as mulheres a recolher o melhor da vontade humana para tentarem transformar o mundo", sugere), até que um dos espectadores (falando português com forte pronúncia) se levanta para introduzir o capítulo mais pitoresco da manhã: "Vi no dicionário que o seu nome significava 'planta comestível'. Na sua terra comem-se muitos saramagos?"

Para os suecos a questão é inteiramente nova e cheia de possibilidades cómicas. José Saramago, que já terá contado a história do seu nome centenas de vezes, mostra-se bem humorado e responde à altura: "É realmente certo que saramago é uma planta comestível mas não nasceu para isso. Os saramagos plantas, claro — eram o último recurso em tempos de fome. Eu não gostaria, como escritor, de ser o último recurso.' E termina com uma nota histórico-geográfica sobre a planta rasteira que deu origem à alcunha da sua família e que por lapso do notário — acabou por se tornar seu apelido: "Em toda a Península Ibérica se encontram saramagos. Provavelmente os árabes já os comiam, nas horas más...

Ainda explicará como a troca no registo veio a calhar: "Eu sou Saramago por uma espécie de predestinação. Não gosto de José de Sousa, provavelmente teria de inventar um pseudónimo..." Está a sessão concluída, o café bate palmas, o laureado sai de flores vermelhas nos braços, escada rolante abaixo a caminho da etapa segu inte.

E ali mesmo, num piso inferior da Kulturhuset, a inauguração da exposição "O Homem dentro do Romance" (livros e iconografia sobre Saramago), organizada pela Embaixada portuguesa em Estocolmo. Com o embaixador Paulo Castilho ao lado, Saramago agradece aos tradutores suecos o trabalho que têm com a sua "dificil prosa". A plateia do café transportou-se, em parte, para a pequena cerimónia e mistura-se agora com as várias comitivas que entretanto se juntaram a esta semana do Nobel português na capital sueca: convidados do ICEP e do Instituto Camões,

que participarão em dezenas de actividades paralelas de homenagem.

Escada acima mais uma vez, na vistosa Casa da Cultura de Estocolmo: lançamento do número da revista "Camões" dedicado a Saramago. O próprio, de microfone na mão, qual apresentador desenvolto — entre Paulo Castilho (o embaixador) e Jorge Couto (presidente do Instituto Camões) —, aproveita para agradecer em especial aos "media" suecos ("não tanto aos do meu país, que esses têm obrigação de o fazer") a atenção que lhe têm dedicado, a ele e a Pilar, visto que "as câmaras vão sempre mais para ela". ■ A.L.C.



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

SOCIEDADE PORTUGUESA
DE MICROSCOPIA ELECTRÓNICA
E BIOLOGIA CELULAR

XXXIII Reunião Anual

9 (14h30) 10 e 11 de Dezembro (9h00)

> AUDITÓRIO DA FUNDAÇÃO Rua Tenente Valadim, 325 - 4100 Porto Tel. 6067418 / Fax 6004314 e.mail: fundação@feaa.pt (www.feaa.pt)

Vis Vis

Anunciar no PÚBLICO é agora mais fácil.
Para os portadores dos cartões
Visa/MasterCard foi criado um novo sistema
de pagamentos.

Recta ligra a (01) 7501169

de pagamentos. **Basta ligar o (01)7501162**Esperamos por si

Classificados

